

Diálogos luso-brasileiros sobre o patrimônio educativo: o Museu Escolar Oliveira Lopes e o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

João Paulo Gama Oliveira¹

Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana²

Raquel Resende Elvas³

Portuguese-Brazilian dialogues on educational heritage: Museu Escolar Oliveira Lopes and Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

Diálogos luso brasileiros sobre el patrimonio educativo: o Museu Escolar Oliveira Lopes y el Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

Resumo

O objetivo do presente artigo é responder à seguinte pergunta: o que uma escola pública guardou no seu acervo ao longo de mais de um século de funcionamento? Para solucionar tal questionamento, analisaremos os acervos salvaguardados em um espaço de memória escolar português e outro brasileiro, a saber: o Museu Escolar Oliveira Lopes (Meol), localizado em Válega, e o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas), da cidade de Aracaju. Entende-se que, mesmo com as diferenças existentes entre o Meol e o Cemas, ambos salvaguardam um conjunto de artefatos e documentos que ultrapassou a barreira do século e tornou-se acessível a diferentes grupos, além da comunidade escolar. São guardiões de uma “herança educativa” fundamental para o trato do patrimônio educativo luso-brasileiro.

Palavras-chave: *Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense; História da Educação; Museu Escolar Oliveira Lopes; Patrimônio educativo.*

1 Professor da Universidade Federal de Sergipe. Graduado em História, mestre e doutor em Educação. Realizou estágio de pós-doutoramento na UNESP/Araraquara. Gestor do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas). E-mail: profjoaopaulogama@gmail.com

2 Professora da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (Seduc/SE). Diretora do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Graduada em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: sayonara.institucional@gmail.com

3 Técnica superior do Serviço de Patrimônio Histórico e Museus da Câmara Municipal de Ovar (SPHM/CMO). Coordenadora técnica do Museu Escolar Oliveira Lopes (Meol). Graduada em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar. E-mail: elvasraquel@gmail.com

Abstract

The purpose of this article is to answer the following question: what has a public school kept in its collection over more than a century of operation? To resolve this question we will analyze the safeguarded collections in a Portuguese school memory space, and in a Brazilian one: Oliveira Lopes School Museum (Meol) and the Center for Education and Memory of Atheneu Sergipense (Cemas). It is understood that even with the differences between Meol and Cemas, both safeguard a set of artifacts and documents that surpassed the century barrier and became accessible to different groups beyond the school community. They are guardians of a fundamental “educational legacy” for the treatment of the Portuguese-Brazilian educational heritage.

Keywords: *Center for Education and Memory of Atheneu Sergipense; History of education; Oliveira Lopes School Museum; Educational heritage.*

Resumen

El propósito de este artículo es responder la siguiente pregunta: qué ha guardado una escuela pública en su colección a lo largo de más de un siglo de funcionamiento? Para resolver esta pregunta analizaremos las colecciones salvaguardadas en un espacio de memoria escolar portugués y outro brasileño, a saber: o Museo Escolar Oliveira Lopes (Meol) y el Centro de Educación y Memoria del Atheneu Sergipense (Cemas). Se entiende que aún con las diferencias entre Meol y Cemas, ambos salvaguardan un conjunto de artefactos y documentos que traspasaron la barrera del siglo e se hicieron accesibles a diferentes grupos mas allá de la comunidad escolar. Son guardianes de una “herencia educativa” fundamental para el tratamiento del patrimonio educativo luso brasileño.

Palabras clave: *Centro de Educación y Memoria del Atheneu Sergipense; Historia de la educación; Museo Escolar Oliveira Lopes; Patrimonio educativo.*

*Introdução*⁴

O que uma escola pública guardou no seu acervo ao longo de mais de um século de funcionamento? Para solucionar tal questionamento, refletimos sobre os acervos salvaguardados em dois espaços de memória, um em Portugal e outro no Brasil, formados por documentos, objetos e móveis que foram preservados em um museu e um centro de memória educativo. Esses locais guardam a memória da vida escolar de docentes e discentes, da gestão administrativa e pedagógica e demais práticas intrínsecas que as caracterizam.

Tratamos especificamente do Museu Escolar Oliveira Lopes (Meol), localizado em Válega, Ovar, Portugal, e do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas), presente em Aracaju, Sergipe, Brasil. Considerando o processo de formação das instituições educativas, em particular a construção de suas memórias por meio dos seus acervos, os quais remetem à formação e desenvolvimento, o presente texto foi estruturado com o objetivo de analisar a relação existente entre Meol e Cemas, para, notadamente, compreender os processos de constituição e salvaguarda de seus acervos.

Mesmo com uma série de diferenças quanto às suas concepções, finalidades, estrutura física, acervo, entre outras, o Cemas e o Meol podem ser compreendidos como “lugares de memórias”, na acepção de Pierre Nora (1993), que guardam uma “herança educativa”, entendida como “material/patrimonial e imaterial, relacional/conceptual” (FELGUEIRAS, 2017, p. 157). Nessa perspectiva, a autora compreende que o lugar ocupado pelas práticas escolares e o

4 O presente trabalho deriva da pesquisa de pós-doutoramento do primeiro autor intitulada: “A patrimonialização da escola: implementação de espaços de memória em instituições educacionais luso-brasileiras entre o final do século XX e o início do século XXI” realizada na Unesp/Araraquara entre 2021 e 2022 sob a supervisão da Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza Chaloba. O estágio de pós-doutoramento contou com bolsa de Pós-Doutorado Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Chamada CNPq 16/2020. A investigação possibilitou a visita do primeiro autor ao Museu Escolar Oliveira Lopes, em dezembro de 2021, seguida da articulação com os trabalhos realizados em Sergipe. Soma-se ainda aos estudos de Oliveira (2023) e Santana (2021).

interior da escola, para os estudos da História da Educação a partir da década de 80 do século XX, possibilitaram também um contexto calcado em fontes variadas – orais, escritas, artefatos –, muitas vezes desorganizadas e sem condições de conservação, o que leva historiadores ao trabalho de salvaguarda das fontes, incluindo inventariar, descrever e mesmo propor estruturas de museus, centros de memória ou até recolher esses testemunhos em outros espaços possíveis, diante da realidade educacional.

As operações de guarda e exposição da “herança educativa” constroem memórias para a história de um lugar, de um grupo, de um povo. Tais operações também guardam e selecionam histórias a serem contadas e recontadas, destacam histórias de docentes, discentes, práticas educativas que merecem ou não serem guardadas ou expostas, bem como arquivadas ou mostradas em espaços como centros de memória educativos e museus escolares. Assim como afirmam Vidal e Paulilo (2020, p. 9):

Considerar os modos como sujeitos e sociedade cuidam dos vestígios do passado ou produzem representações do ontem, monumentalizando acontecimentos e relegando experiências ao esquecimento, configura motes importantes para se pensar sobre o presente e para incentivar atitudes de salvaguarda do patrimônio material (e imaterial).

Furtado (2011) ressalta que a memória salvaguardada nas instituições de ensino é um lugar privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas e permite compreender o processo de ensino, a cultura escolar e a História da Educação de maneira mais ampla. A autora trata também das dificuldades para acesso aos documentos e objetos produzidos no ambiente escolar, justamente pela falta de interesse em sua preservação. Nesta perspectiva, Souza (2013, p. 204), ao historicizar alguns dos caminhos percorridos pela área no Brasil, sublinha a necessidade de inserir o “patrimônio escolar” em um debate mais amplo no campo da preservação.

Segundo Mogarro (2013), o interesse pela história e memória da escola tem sido crescente nos últimos anos, num movimento internacional com o foco dos historiadores e investigadores da História da Educação sobre o patrimônio, a materialidade da escola, no (res)surgimento de instituições museológicas e iniciativas dedicadas a este universo, de natureza e objetivos muito dispersos, e com ritmos diferentes de desenvolvimento.

Dentro desse cenário, pode-se compreender que os espaços de memória escolar, criados entre o final do século XX e início do XXI, abrigam diverso, disperso e extenso acervo de distintas instituições educacionais, decorrentes de suas atividades, tanto administrativas como pedagógicas. Esse conjunto de múltiplas informações reflete a “[...] própria multidimensionalidade e complexidade das realidades escolares e formativas, assim como a diversidade e pluralidade dos meios de intervenção dos agentes educativos” (MOGARRO, 2005, p. 83), abrindo espaço para uma compreensão inicial do que vem a ser o patrimônio educativo.

Cunha (2015) corrobora com tais escritos ao afirmar que as instituições de ensino salvaguardam lugares de memória, permitindo estudar a dinâmica da cultura escolar nas relações presentes entre professores, alunos, diretores e demais agentes escolares. Acrescenta-se ainda que: “São, igualmente, campo de apropriações e criação, podendo conjugar espaços, memória, tanto escolar, quanto pessoal e familiar, construídas em múltiplas temporalidades (CUNHA, 2015, p. 295).

Para Mogarro *et al.* (2010), tal patrimônio engloba a arquitetura escolar, com o próprio edifício das escolas, o espaço no seu entorno e a sua funcionalidade, os equipamentos, os materiais de uso cotidiano, os materiais didáticos, desde instrumentos científicos para o ensino das várias ciências, os quadros, as caixas métricas, os ábacos, os meios audiovisuais, os trabalhos de alunos e os cadernos escolares. Integram, ainda, o patrimônio escolar, materiais em suporte de papel relacionados com tais objetos, como catálogos de editoras,

manuals de ensino que incorporam os materiais didáticos nos processos de ensino-aprendizagem, como também documentos de arquivo diante do dia a dia da instituição educacional; a própria literatura articulada com o tema e a imprensa educativa, que cumpre o papel de divulgar esses objetos e de abordar como eles são utilizados nas escolas.

A materialidade enfatizada por Viñao Frago (2008), presente na cultura material das instituições de ensino, apresenta-se como uma possibilidade de ampliação das análises sobre a cultura escolar. Para o autor, a cultura material escolar é composta de quatro elementos básicos, a saber: as disposições e usos do espaço e do tempo escolares; os utensílios de aula, como estufas, relógios, retratos, armários, estantes e, principalmente, o mobiliário dos alunos e do professor e a sua disposição no espaço da sala de aula; o material didático, os meios de ensinar do professor e de instrução do aluno, distinguindo os objetos produzidos fora e trazidos para o ambiente escolar (ábacos, mapas, globos, cadernos de caligrafia, aparelhos de física etc.) e os produzidos dentro da escola, como resultado das suas atividades, por exemplo cadernos, diplomas, provas etc. por fim, a produção audiovisual escolar, com destaque para a fotografia com fotos individuais, de classe de alunos, diretores e professores, álbuns propagandísticos etc.

Diante deste quadro exposto, pensamos sobre a materialidade presente nos documentos escritos e objetos produzidos com finalidades administrativas e pedagógicas no ambiente escolar. Destacamos, então, a importância dessa cultura material gestada com funções diversas, mas com o principal objetivo de organizar o ensino, aspectos presentes tanto no Cemas como no Meol.

O nosso entendimento acerca do Centro de Memória dialoga com a compreensão de Camargo e Goulart (2015, p. 19), sendo os centros de memória uma denominação recente no Brasil, na qual as entidades do arquivo, da biblioteca e do museu possuem afinidades como a “missão comum de tornar acessíveis as informações contidas nos respectivos acervos” para uma consulta futura.

No caso do Cemas, o centro de memória abriga um arquivo escolar que compartilha da conceituação definida por Mogarro (2005, p. 77), a saber:

núcleo duro da informação sobre a escola, correspondente a um conjunto homogêneo e ocupa um lugar central e de referência no universo das fontes de informações que podem ser utilizadas para reconstruir o itinerário da instituição escolar.

Como também um conjunto de artefatos de diferentes períodos de práticas educativas da instituição, além de uma série de livros.

A origem da constituição de coleções de materiais didáticos remonta ao final do século XIX, ligando-se aos movimentos de renovação pedagógica e ao entendimento das coleções de materiais, formadas por alunos e professores, como auxiliares de metodologia assente nas “lições de coisas”, adotando designações como “museu de educação” e “museu escolar” (FELGUEIRAS, 2011, p. 71). No decorrer dos séculos, foram surgindo inúmeros projetos museológicos de caráter educativo, que se interessam pela história e memória da escola, apelidados com diferentes terminologias. O século XXI, segundo Faria e Possamai (2019, p. 4), traz uma mudança na qual muitos dos investigadores passam a utilizar o termo “museus de educação” para a definição de todos os museus relacionados com o patrimônio escolar, mais concretamente, materiais, espaços e instituições configurados desde a modernidade, cujas temáticas e coleções estejam especificamente vinculadas à educação (POSSAMAI, 2015, p. 107).

A nossa compreensão sobre museu escolar parte da conjugação de duas linhas orientadoras, sendo a primeira o respeito pela definição de “museu”, emanada pelo Conselho Internacional de Museus (Icom)⁵ e pela Lei Quadro dos Museus Portugueses, n.º 47/2004, de 19 de agosto, em que lhe são atribu-

5 “[...] é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.” (ICOM, 2022, s. p.).

idas funções bem definidas, tais como a investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação de bens culturais, no sentido de os valorizar (PORTUGAL, 2004). A segunda linha leva em consideração as diretrizes da Secretaria-geral do Ministério da Educação (PORTUGAL, 2004, p. 3), em que “a existência de um museu escolar pretende, acima de tudo, a conservação, a divulgação e o estudo dos bens de valor histórico ou educativo de uma instituição escolar”, e no caso particular do Meol, o respeito pela designação do espaço museológico criado em 1996, o qual Maria João Mogarro (2013, p. 82) aponta ser um exemplo significativo de uma instituição que se formou a partir de espólios que permaneceram nas escolas primárias, espólios esses que, em alguns casos, integram materiais que tiveram sua origem nos princípios do século XX.

Diante do que foi discutido acerca dos espaços de memória educacional, patrimônio educativo, herança educativa, cultura material escolar, centro de memória, arquivo e museu escolar, compreende-se que o Cemas e o Meol possuem histórias distintas, com acervos fundamentais para a identidade do espaço social em que estão inseridos, interligados pela salvaguarda da “herança educativa”. Trata-se de espaços de memórias escolares ainda com muito a revelar sobre aspectos de um “passado presente” (HUYSEN, 2000) que insistiu e insiste em permanecer nessas instituições, repleto de vicissitudes e interesses, com histórias e memórias arraigadas na constituição tanto da própria escola, como também do espaço de memória educativo. Assim, tratamos nas próximas páginas acerca desses acervos e o que a escola e seus sujeitos guardaram como significativo para que conhecêssemos suas histórias.

O Museu Escolar Oliveira Lopes

O Museu Escolar Oliveira Lopes (Meol) localiza-se em Válega, freguesia do extremo-sul do município de Ovar, distrito de Aveiro, ocupando o antigo complexo das Escolas Primárias Oliveira Lopes.

As Escolas, inauguradas em 2 de outubro de 1910, três dias antes de ser proclamada a República em Portugal, foram construídas sob o patrocínio de dois irmãos naturais de Válega, “brasileiros de torna-viagem”⁶ – José e Manoel José Oliveira Lopes –, e projetadas segundo o ideário dos princípios pedagógicos republicanos, refletindo uma visão estratégica adequada ao futuro. Assim, o objetivo da construção era de colmatar várias lacunas existentes na região, nomeadamente a elevada taxa de analfabetismo, a ausência de mestres devidamente habilitados, a falta de instalações adequadas para ministrar aulas e a inexistência de escolas para o sexo feminino.

Consideradas na época uma das maiores referências educativas do concelho⁷ de Ovar, quer pela imponência do edifício e a qualidade da construção, quer pelo conforto e funcionalidade dos espaços interiores, as Escolas foram apetrechadas com mobiliário e material didático único a nível nacional, seja em qualidade ou em quantidade, tidos como os mais modernos da época. Arquitetonicamente, eram divididas em três corpos distintos: a ala norte, destinada à escola masculina; a ala sul, destinada à feminina; e o corpo central, de dois pisos, destinado à habitação do professor da escola masculina e à professora da escola feminina. A seguir uma imagem do Meol, com fachada principal para o oeste.

Imagem 1 – Edifício do Museu Escolar Oliveira Lopes.



Fonte: Acervo do Meol (2019).

6 Designação dada aos emigrantes portugueses que fizeram fortuna no Brasil entre meados do século XIX até ao primeiro quartel do século XX, tendo depois regressado à sua terra natal e contribuído decisivamente para o desenvolvimento local.

7 Grafia da palavra em português de Portugal.

Foi no ano de 1863, com apenas 13 anos, que José de Oliveira Lopes emigrou para o Brasil, em busca de trabalho e de fortuna, como tantos outros que lhe antecederam. Em solo brasileiro foi um dos fundadores da “Oliveira Lopes, Silva e C.^ª”, casa de comércio de cereais considerada uma referência portuguesa no Rio de Janeiro e que, resultado de uma gestão eficiente, tornou uma empresa de sucesso crescente e de rendimentos acima do normal. Entretanto, também Manoel José veio para o Brasil e ajudou a manter o prestígio da empresa. Em 1894, os irmãos regressam a Válega, com consideráveis posses adquiridas e uma forte devoção à causa republicana, assumindo uma postura filantrópica, canalizando significativas verbas para a educação e para os mais carentes.

Desde a data da inauguração até o ano letivo de 2012-2013 (quando se deu o encerramento definitivo da escola), a Escola Oliveira Lopes funcionou ininterruptamente, tendo sofrido neste hiato de tempo, por parte da Câmara Municipal de Ovar (CMO), a qual detém sua tutela, significativas obras de conservação e remodelação nos espaços interiores.

O Meol foi inaugurado em 1996, resultado do trabalho de recolha e salvaguarda do mobiliário e materiais didáticos das antigas salas de aula, realizado pelo seu antigo diretor e professor, Joaquim de Almeida e Pinho, acervo esse considerado obsoleto ante os novos equipamentos e materiais adquiridos, encontrando-se abandonado nos sótãos da escola. O museu ocupava uma pequena sala no primeiro andar do edifício e funcionava simultaneamente com a atividade letiva.

Em 2017, a CMO avançou com a obra de requalificação do edifício da escola, do edifício da Cantina Escolar de Santa Maria de Válega e do recinto exterior (recreio) e, em 25 de julho de 2019, abriu ao público o renovado Meol, com programas museológicos e museográficos elaborados de acordo com a legislação portuguesa, que estabelece as bases da política de proteção e valorização do patrimônio cultural, bem como com os princípios da política museológica.

Desde a sua gênese, o Meol tem como missão o estudo, a conservação e a divulgação do legado da Escola Oliveira Lopes e dos seus beneméritos, enquanto construtor de uma identidade e memória coletiva da escola e da comunidade educativa. Além disso, seu propósito é contribuir para o estudo da história do sistema educativo em Portugal, criando condições museológicas adequadas às suas especificidades, com vistas ao desenvolvimento social e cultural da região.

Seguidamente, procuraremos dar resposta ao enunciado: o que é que uma escola pública centenária guardou? Como é constituída a coleção do Meol?

No presente, a coleção do Meol pode ser dividida em três grupos distintos, de acordo com a proveniência de cada bem cultural. O primeiro grupo é constituído pelos objetos intimamente ligados à Escola Oliveira Lopes desde a inauguração até o encerramento; o segundo, composto pelos acervos recolhidos nas escolas de ensino primário do concelho de Ovar, após o encerramento definitivo das atividades letivas; e o terceiro, constituído por outros objetos enquadrados na missão do museu, resultado de ofertas e doações de pessoas particulares ou entidades privadas.

Do primeiro grupo, destacamos o mobiliário, equipamento e material didático com que a escola foi apetrechada em 1910 e que podem ser visualizados em parte na Imagem 2, que representa a recreação, de forma tão fiel quanto possível, de uma sala de aula das Escolas Oliveira Lopes nas primeiras décadas do século XX: escrivaninhas; secretárias e carteiras escolares, que obedeciam aos requisitos das mais modernas recomendações pedagógicas; quadros parietais, conhecidos por “lições de coisas”, da tradução brasileira dos painéis franceses do *Musée scolaire Deyrolle*, que se dividiam pelas salas de aula das duas escolas, alguns acompanhados de amostras de matérias naturais para aprendizagem; e os quadros da História de Portugal, da autoria de Carlos Franco e João Soares (pai de Mário Soares, antigo presidente da República), com ilustrações de Roque Gameiro e Alberto Sousa.

Manuais escolares, globos e planisférios, armários, quadros pretos e outros utensílios para o uso na sala de aula do período republicano completam um notável e único, que nos dá hoje uma imagem precisa do ensino que se podia praticar em Portugal, em consequência da filantropia dos “brasileiros” ou de outros particulares (MOGARRO, 2011, p. 27).

Imagem 2 – Visão parcial da sala de exposição permanente.



Fonte: Acervo do Meol (2020).

Percorrendo a cronologia de vida da escola, para além dos objetos representativos do ambiente escolar da Primeira República, encontramos na coleção do museu, entre outros, objetos icônicos e de presença obrigatória numa sala de aula do Estado Novo, período ditatorial português, tais como os retratos dos presidentes da República, presidente do Conselho e o crucifixo. Ainda da época da ditadura, destacamos o mobiliário e utensílios de cozinha da Cantina Escolar de Santa Maria de Válega⁸ (armários, mesas, bancos, malgas, pratos, talheres, panelas etc.),

8 Equipamento anexo à Escola, inaugurado em 16 de setembro de 1956, sob o patrocínio dos beneméritos Manuel Alves de Oliveira Lopes (sobrinho de José e Manoel José Oliveira Lopes) e do comendador António Maria Augusto da Silva. Este acervo foi objeto de um trabalho de investigação do qual resultou a exposição temporária *As Cantinas Escolares no Estado Novo*, patente no Meol de 2 de outubro de 2020 a 8 de maio de 2021, e o catálogo impresso intitulado *As Cantinas Escolares no Estado Novo – O caso da Cantina Escolar de Santa Maria de Válega*, de autoria de Helder J. de Pinho Almeida, publicado pela Câmara Municipal de Ovar, em novembro de 2021.

que podemos observar na imagem seguinte. Dos anos 70 e 80 destacamos um conjunto de equipamentos e meios audiovisuais que serviram de apoio à aula (projetores de slides, projetos de acetatos, episcópios, mimeógrafos etc.).

Imagem 3 – Objetos pertencentes à Cantina Escolar de Santa Maria de Válega.



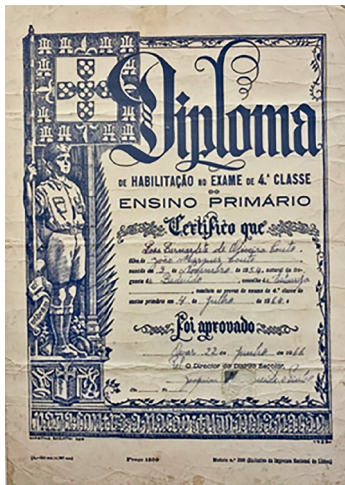
Fonte: Acervo do Meol (2020).

A coleção encontra-se exposta e acondicionada em vários espaços interiores do museu, nomeadamente, na sala de exposição permanente; no centro de documentação, espaço destinado ao acondicionamento de materiais em suporte de papel, dos arquivos escolares das escolas do ensino primário encerradas; nas reservas visitáveis, espaços para conservação de mobiliário, equipamentos e materiais didáticos; e na Biblioteca Oliveira Lopes, especializada na área da educação, que integra a Rede de Bibliotecas de Ovar, destinada a investigadores e à comunidade em geral e que disponibiliza para consulta presencial bibliografia especializada, em vários formatos e suportes, destacando-se o conjunto de manuais escolares de vários níveis de ensino, com exemplares de finais do século XIX ao início do século XXI.

O acervo do arquivo escolar da Escola Oliveira Lopes, que constitui o maior volume do centro de documentação, é composto por materiais específicos, produzidos no contexto das práticas de gestão administrativa e pedagógica da

escola, entre 1910 e 2013. Seguem alguns exemplos das diferentes tipologias que poderemos encontrar: Livro de matrículas; Livro de registro diário da frequência; Termo de exame de passagem de classe; Relação de passagem de classe; Relação das crianças na idade escolar; Diploma de habilitação; Guia de transferência; Boletim de passagem de classe; Certidão de aproveitamento; Declaração dos alunos matriculados, aprovados e reprovados segundo a idade e o sexo, por classe; Boletim de inscrição no Exame de Admissão aos Liceus e ao Ensino Profissional Industrial e Comercial; Fichas de avaliação; Livro de ponto (docentes e pessoal auxiliar); Mapa de situação escolar atualizada; Mapa do aproveitamento escolar; Mapa destinado à Ação Social Escolar; Livro de registro das visitas respeitantes aos serviços de inspeção e disciplinares; Livro de registro das visitas respeitantes aos serviços de orientação pedagógica e aperfeiçoamento do ensino; Livro de Atas das Assembleias Gerais de Pais; Livro de correspondência expedida; Guia de entrega de correspondência oficial; Livro de inventário de mobiliário e equipamento; Livro de Atas da Comissão de Recenseamento Escolar; Livro de Atas do Conselho Escolar; Livro de registro de sócios da Caixa Escolar; Livro de Atas da Caixa Escolar; Livro de Receita e Despesa da Caixa Escolar; Estatutos da Caixa Escolar; documentos de professores e regentes (Registro no Ministério da Educação, Boletim de Admissão a Concurso ao Quadro de professores agregados do ensino primário elementar, contratos, cartas, relatórios etc.); documentos de alunos (cadernos diários, cadernos coletivos de turma, trabalhos, jornais escolares etc.). Vejamos a seguir a imagem de um desses documentos (Imagem 4).

Imagem 4 – Diploma de Habilitação no Exame da 4ª classe do Ensino Primário da aluna da Escola Oliveira Lopes, Rosa Bernardete de Oliveira Couto, de 22 de junho de 1966.



Fonte: Acervo do Meol (2019).

Do fundo documental da Cantina Escolar, que abarca o período de 1953 (ano da fundação) até 2013, fazem parte documentos como: Livro de correspondência expedida; Livro de receita e despesa; diversos documentos avulsos, tais como orçamentos para aquisição de bens ou serviços, faturas e recibos referentes à aquisição de mobiliário, equipamentos e utensílios de cozinha, bens alimentares e consumíveis utilizados na preparação das refeições, material de escritório e papelaria; faturas e recibos referentes a serviços e trabalhos de conservação, manutenção e limpeza do edifício e espaços interiores; ofícios remetidos pela e para a Direcção do Distrito Escolar de Aveiro; documentos da e para a Sociedade Nacional de Armadores de Bacalhau, fornecedor do óleo de fígado de bacalhau, na Campanha do Óleo de Fígado de Bacalhau, criada pelo Governo, como ofícios, boletins informativos, registros de encomendas, guias de transporte, circulares, talões, avisos etc.

Do acervo fotográfico fazem parte registros diversos, tais como fotografias dos beneméritos, professores, turmas (Imagem 5), atividades e festas que faziam parte do calendário escolar, espaços da escola etc.

Imagem 5 – Fotografia do grupo de alunos do sexo masculino da Escola Oliveira Lopes que realizaram exame do 2.º grau no ano letivo de 1912-1913.



Fonte: Acervo do Meol (2019).

Para Mogarro *et al.* (2010, p. 167), “os bens patrimoniais, enquanto testemunhos de uma cultura são igualmente valorizados pela informação a eles associada e, neste sentido, conservar esta informação é tão vital como a preservação do próprio objeto.” Tendo como base essa premissa e pensando nas futuras práticas museológicas, torna-se fundamental a documentação de cada objeto, retirando de si o maior número de dados possível, refletindo sobre ele, de modo a produzir conhecimento, atribuindo-lhe significado(s) e contexto(s).

Ainda de acordo com os mesmos autores, no processo de documentação é fundamental o estudo e a consulta junto de instituições museológicas de referência dedicadas ao universo da educação, dos procedimentos no domínio da pesquisa, investigação, levantamento, inventariação, catalogação, digitalização e gestão de coleções de materiais educativos. Além disso, é primordial saber qual a tipologia estabelecida por essas instituições para objetos desta natureza.

O processo de documentação realizado no Meol é essencial para o conhecimento da cultura escolar, assim como para o estudo, preservação e divulgação do seu patrimônio educativo, constituindo o inventário dos materiais uma das suas principais linhas de atuação.

Mas de que forma pode o inventário do patrimônio contribuir para a conservação e a preservação da memória e identidade? O seu papel assume-se fundamental na medida em que a recolha de dados acerca dos bens patrimoniais, no que se refere à sua função inicial e possíveis reutilizações, e a sua contextualização numa determinada cultura permitem encontrar o seu significado enquanto testemunho visível de uma determinada atividade humana.

Para Felgueiras (2011), o objetivo primordial do inventário, quer seja no contexto museológico ou mesmo arquivístico, é a descrição das fontes com o intuito de torná-las acessíveis à investigação.

O inventário não pode constituir-se, de modo algum, como finalidade da investigação histórica. O inventário,

a descrição e catalogação constituem-se como elementos essenciais da etnografia histórica da escola ou de outras instituições. São fundamentais para a definição de coleções de museus, arquivos, centros de memória e bibliotecas, mas representam apenas uma fase inicial do trabalho historiográfico. (FELGUEIRAS, 2011, p. 78)

No entanto, a documentação museológica cumprirá o seu objetivo se for munida de requisitos, nomeadamente, o uso de um sistema de inventário adequado, que permita clareza, exatidão dos dados registrados, a definição clara dos campos de informação e o controle de terminologia (*thesauri*) para uma normalização e uniformização dos conteúdos.

Nesse sentido, o Meol apoia-se em algumas ferramentas fundamentais à inventariação do seu acervo material. A primeira trata-se do Repositório Digital da História da Educação da Secretaria-Geral da Educação e Ciência (PORTUGAL, 2023), que disponibiliza on-line um vastíssimo conjunto de informações históricas referentes ao património cultural da educação em Portugal. A outra, e que foi resultado do projeto de investigação *Educação e Património Cultural: escolas, objetos e práticas*, desenvolvido entre 2011 e 2013, com coordenação de Maria João Mogarro⁹, é o Museu Virtual da Educação (Muve), uma plataforma on-line cuja missão é:

[...] convocar a memória e a história do sistema educativo português, através da divulgação de materiais que foram utilizados por pedagogos, professores, alunos e outros atores educativos ao longo dos anos, nas escolas públicas e privadas. Estes objetos são vistos não como objetos isolados, mas inseridos nos contextos da sua utilização pedagógica, enquanto recursos didáticos utilizados nas práticas dos professores para ensinarem os seus alunos. Como recursos, fazem parte de uma história do currículo e das disciplinas escolares, permitindo ilumi-

9 Do qual resultou a publicação *Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas* (MOGARRO, 2016).

nar situações educativas que foram vividas por inúmeras pessoas e marcaram os seus percursos pessoais e académicos. (O MUSEU, 2012, s. p.)

O Muve apresenta uma estrutura que abrange vários níveis de ensino e formas educativas, a saber: educação infantil; ensino elementar; ensino preparatório; ensino liceal; ensino normal; ensino técnico; educação feminina e educação colonial. Em cada um desses núcleos, o utilizador pode consultar cinco eixos temáticos: arquitetura, espaços e atores; equipamento e material de apoio¹⁰; materiais didáticos; trabalhos escolares; e diversos.

A realização do inventário no Meol permite-nos, neste momento, recolher e organizar toda a informação possível acerca do património da Escola Oliveira Lopes – dos beneméritos e família aos vários atores educativos (alunos, professores e funcionários) –, permitindo estruturá-la e sistematizá-la, bem como construir o itinerário de vida da escola e das pessoas a ela ligadas, assumindo-as como fundamentais para a construção da memória escolar e identidade histórica.

Todos os objetos e documentos revelam as relações sociais que foram desenvolvidas no interior da escola, permitindo apreender a realidade educativa e contribuir para uma riqueza significativa de dados e de análises que sobre eles se pode realizar.

Assim, se nesta fase o Meol está focado na coleção, no sentido de a inventariar, preservar e compreender, pensamos que podemos progredir para níveis seguintes, promovendo ações e atividades para inclusão dos alunos e de suas famílias, professores e funcionários, inclusive da comunidade local, proporcionando-lhes o acesso aos objetos e ao conhecimento gerado como forma de sedimentação de identidades e criação de sentimentos de pertencimento com o museu.

Estamos cientes de que a constituição de uma base de dados é um trabalho contínuo dentro das atividades regulares do museu, com o aparecimento constante

10 No núcleo “ensino elementar”, eixo “equipamento e material de apoio”, podemos consultar objetos do Meol.

de novas informações a acrescentar, mas temos como meta, num futuro próximo, a disponibilização do inventário on-line como ferramenta de consulta para o público em geral e investigadores, potencializadora e fertilizadora de pesquisas, sobretudo em História da Educação, espelho da memória educacional portuguesa, e, em especial, da valeguense.

O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas) está localizado na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, na região Nordeste do Brasil. Criado em 2005, a partir de um Projeto da Prof.^a Dr.^a Eva Maria Siqueira Alves, da Universidade Federal de Sergipe, por meio de sua pesquisa para a construção da tese sobre a história do Atheneu Sergipense e defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o espaço de memória está em pleno funcionamento até a contemporaneidade, articulando ensino, pesquisa e extensão a partir de diferentes perspectivas (ALVES, 2015, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2020; OLIVEIRA, 2023).

Desde a sua criação, em 24 de outubro de 1870, até a atualidade, o Atheneu Sergipense constituiu-se como uma instituição educacional com diferentes contribuições para a formação da sociedade sergipana. Instituído como escola secundária, com a oferta dos cursos de Humanidades e Normal, iniciou efetivamente suas atividades em 3 de fevereiro de 1871, funcionando ininterruptamente (ALVES,

Imagem 6 – Prédio do Atheneu Sergipense, quando da sua inauguração na década de 1950.

2005; ALVES; OLIVEIRA; COSTA, 2021). A seguir, uma imagem do Atheneu Sergipense (Imagem 6), que abriga o Cemas, quando da sua edificação na década de 1950:



Fonte: Alves, Oliveira e Costa (2021, p. 26).

A imponência do prédio do então Colégio Estadual de Sergipe, que ocupa um quarteirão inteiro do bairro São José, na capital Aracaju, abrigando inclusive o Teatro Atheneu Sergipense, como pode-se visualizar sua entrada no lado direito da imagem, faz jus ao espaço social que a escola ocupa na formação de diferentes gerações de jovens. A massa documental e os artefatos que foram acumulados pela escola ao longo desse período histórico, desde a criação, em 1870, até a contemporaneidade, e que sobreviveram às intempéries de mais de um século, foram organizados, acondicionados e disponibilizados no Cemas.

Como bem pontua Escolano Benito, os restos arqueológicos da escola são materializados como memória: “En ellos está inscrita la tradición disponible com la que hoy orientamos em parte la construcción de las sendas de sentido por donde discurrir hacia nuevos futuros” (BENITO, 2016, p. 48). Com esse entendimento, aliado à compreensão da necessidade de “reativar restos de memória”, tem-se a edificação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.

Para Zaia (2005), há várias etapas para o desenvolvimento de um centro de memória dentro da escola: a) a escolha do acervo; b) o envolvimento da comunidade escolar; c) as atividades que serão desenvolvidas nesse espaço. Dentro dessa perspectiva, constituiu-se o Cemas, primeiro com a definição de que seria salvaguardada, naquele momento inicial, a documentação anterior a 1950; depois, a partir de uma exposição alusiva aos 135 anos da escola, contando com um conjunto de bolsistas da própria instituição educacional, juntamente com discentes da graduação e pós-graduação, auxiliados por pesquisadores da área, deu-se os primeiros passos para edificação do Cemas.

Margarida Felgueiras (2017) traça duas tendências no desenvolvimento da investigação da herança educativa: uma voltada para a organização do espólio dentro da própria escola, seja em uma sala, vitrines ou mesmo um espaço de memória; a outra que, levando em consideração as condições físicas e huma-

nas das instituições educacionais, defende espaços específicos nos quais se possa “recolher, inventariar, descrever, tratar, conservar e devolver às escolas e ao público em geral a herança educativa, como parte integrante e sem dúvida muitíssimo importante da cultura e do estudo das sociedades atuais” (FELGUEIRAS, 2017, p. 158).

Já Souza (2013, p. 205), ao analisar o cenário brasileiro, destaca que “Surpreendidos pela riqueza da documentação em risco, vários projetos foram realizados e se encontram em andamento visando à reunião, identificação, organização, preservação e estudo de arquivos escolares.” Sublinham-se ainda algumas experiências na organização de arquivos escolares, a saber: o Atheneu Sergipense, por Eva Maria Siqueira Alves; a organização e digitalização do acervo da Escola Estadual Maria Constança Barros Machado, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, coordenado por Eurize Pessanha. Além de experiências em São Paulo, destacam-se projetos liderados por Maria Cristina Menezes, em diferentes acervos, como Escola Estadual Carlos Gomes, Escola Estadual Culto à Ciência e dos primeiros grupos escolares de Campinas; projeto de recuperação, conservação e organização do acervo documental e bibliográfico da Escola Estadual Álvaro Guião, de São Carlos, coordenado por Alessandra Arce; e o projeto de pesquisa e extensão de salvaguarda do arquivo permanente, da coleção de instrumentos científicos e do acervo de troféus da Escola Estadual Bento de Abreu, de Araraquara, coordenado pelas professoras Vera Teresa Valdemarin, Rosa Fátima de Souza e Maria Cristina Zancul (SOUZA, 2013).

Dentro desse cenário mais amplo no trato com a memória, em paralelo com as iniciativas na área da História da Educação que se espalharam por diferentes partes do Brasil, nasceu o Cemas, fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (Seduc/SE). O Centro atua na salvaguarda de documentos e objetos que fazem parte do patrimônio educativo de Sergipe, tendo como principais

finalidades: preservar os vestígios escritos ou não, o testemunho histórico, além de criar informações necessárias para proteger o patrimônio cultural e manter exposição permanente da memória educacional e social do Atheneu Sergipense, considerada como parte significativa da história da educação do estado de Sergipe, possibilitando o desenvolvimento de diferentes pesquisas.

Conforme o Regimento da Escola, o objetivo do Cemas consiste na: “organização da massa documental produzida durante o funcionamento do Colégio Estadual Atheneu Sergipense que reflete a vida da própria instituição e que contribui sobremaneira para sua existência histórica” (SERGIPE, 2018). O acervo ali salvaguardado tem sido utilizado para uma série de pesquisas com focos diferenciados (ALVES; OLIVEIRA; COSTA, 2020), como também pela própria comunidade escolar, atual e de ex-alunos.

Assim sendo, refletimos de maneira mais delimitada sobre a documentação do Atheneu Sergipense como um lócus privilegiado de práticas que se desenvolveram ao longo dos anos e que trazem consigo a presença de sujeitos históricos e ações por eles ensejadas, que são a sua memória e substrato para a reconstituição da própria história. Mas o que pode se tornar “eterno”? Que seleções devem ser feitas? Será que, realmente, há a necessidade de lugares de memória? Qual a importância de se preservar a memória das instituições escolares? Quais “vontades de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020) estão presentes na constituição desses acervos? Esses e muitos outros questionamentos têm instigado os historiadores a buscarem o passado, que ficou relegado aos porões escuros e insalubres das instituições de ensino, materializado em documentos de diversas tipologias e objetos de variadas dimensões. Com isso, a mobilização em prol da organização e disponibilização desses acervos documentais, por meio dos arquivos escolares, tem se constituído num dos objetivos dos historiadores da Educação.

Ora, se há um desinteresse, por exemplo, nos documentos acumulados por uma instituição ao longo de suas atividades, cabe à história a função de mos-

trar a importância deles para a definição de parâmetros de identidade necessários à sobrevivência da humanidade. Desta forma, a importância dos arquivos e outros lugares de memória está ainda mais presente na atualidade, na medida em que a memória de grande parte das instituições encontra-se em situação de abandono, não preservada, como se não fizesse parte do universo no qual foi produzida e utilizada ao longo dos anos de sua existência.

A preocupação maior, muitas vezes, é com o arquivo corrente, dada a importância para a funcionalidade administrativa da instituição. Contudo, os processos que conduzem à organização de um arquivo histórico necessitam de uma orientação, com tabelas de temporalidade e outras atividades técnicas de conservação e preservação da documentação, as quais demandam empenho, dedicação e conhecimento científico da área.

Inclusive, a abordagem arquivística integrada propõe, atualmente, uma visão mais abrangente sobre a documentação dos arquivos. Segundo Bartalo e Moreno (2008, p. 80):

[...] a gestão documental ou gestão de documentos deve considerar o todo, ou seja, os documentos, nas fases corrente, intermediária e permanente. Entende-se que os documentos, na fase permanente, também são muito importantes, na medida em que vão permitir que as informações possam ser recuperadas.

Partindo desse pressuposto, a gestão de documentos considera não somente os arquivos correntes como importantes, mas também os arquivos permanentes, valorizando a informação em si e não unicamente a chamada “primeira fase”. A consideração dos arquivos correntes como fundamentais para a administração de uma instituição deixou marcas profundas para os chamados “arquivos permanentes” ou “históricos”, geralmente não valorizados na concepção tradicional. A história, por sua vez, vem mostrando a importância deles, aliada aos pressupostos da arquivística, por meio da valorização da in-

formação neles contida, tanto como fonte do passado, quanto como símbolos de identidade.

Os arquivos escolares inserem-se nesta conjuntura, tornando-se objeto de estudo recente no campo da História da Educação. Deste modo, as pesquisas da área têm por objetivos principais descrever e analisar a documentação neles presente, reconstituindo a sua história; enfatizar a sua importância para a escrita da história escolar; além de buscar a preservação do patrimônio escolar. Esses são alguns dos direcionamentos assumidos pela pesquisa em arquivos escolares que abrigam a documentação produzida e/ou acumulada por instituições de ensino, a qual caracteriza o seu funcionamento, por exemplo: correspondências recebidas e expedidas, diários de frequência dos alunos, cadernetas, atas de reuniões, relatórios, cadernos, etc. Essa massa documental, fruto das atividades cotidianas desenvolvidas no ambiente escolar, contém traços marcantes da história das instituições de ensino e da sociedade na qual esteve imersa.

Neste trilhar, o arquivo histórico do Atheneu Sergipense, abrigado no Cemas, é composto por documentos distribuídos em quatro Guias de Fontes que abarcam o período de 1848 a 1970, subdivididos em dez séries documentais, a saber: Atas, Atestados Médicos, Boletins, Cadernetas, Correspondências, Exames e Concursos, Imprensa, Livros de Ponto, Livros de Registros, Matrículas e Transferências, além de duas subséries, Correspondências Expedidas e Recebidas. Outros dois compreendem o período de 1950 a 1970 e apresentam a mesma divisão exposta, acrescidos das tipologias Desenhos e Atlas.

O processo de organização dessa massa documental consistiu na separação por tipologia documental, higienização com a retirada de grampos, clipes, pastas e demais elementos corrosivos e que foram acrescidos aos documentos originais, empacotamento, acondicionamento em caixas-arquivo e produção dos instrumentos de pesquisa acima mencionados. Após esse trabalho, a documentação foi disponibilizada aos pesquisadores, constituindo-se em arse-

nal documental e memorialístico preservado, representando um celeiro de possibilidades para a reconstituição da história da instituição, bem como sua utilização como um potencial instrumento pedagógico.

Como resultado deste processo, para pesquisarmos sobre o arquivo de uma instituição, precisamos refletir sobre a produção documental, que faz parte de sua memória e é substrato para a própria história. Santana (2021) investigou a documentação produzida pelo Atheneu Sergipense, tanto os processos de organização como também a constituição de espaços para abrigar essa massa documental. Com isso, a documentação que adquire o status de histórica, abrigada no arquivo permanente, já exerceu suas funções no arquivo administrativo da instituição, sendo que ao longo dos anos foi “perdendo” o seu valor funcional e adquirindo valor histórico. Em síntese, todo arquivo permanente ou histórico já foi um dia arquivo corrente.

O referido trabalho mostrou como os relatórios dos diretores do Atheneu Sergipense possuem informações preciosas sobre a vida da instituição em suas diversas nuances. Apesar de terem uma visão mais centralizada, sendo o diretor o canal de comunicação entre as práticas cotidianas da instituição e o governo, os relatórios representam um olhar específico do mundo escolar. Esse olhar, pela própria natureza das informações contidas na espécie documental relatório, é bem descritivo, informativo, mas também denunciativo das necessidades e dos anseios daqueles que construíram a história do ensino secundário sergipano.

Os relatórios do Atheneu Sergipense apresentam fatos, necessidades, dados e práticas administrativas indispensáveis ao funcionamento da instituição, os quais mostram aspectos da cultura vivenciada pelos sujeitos escolares. Neste sentido, alguns assuntos foram mais enfatizados, tais como: matrícula, prédio do Atheneu Sergipense, corpo docente, corpo discente, corpo administrativo, exames, biblioteca e arquivo, dentre outros. Tais relatórios integram o con-

junto mais amplo de documentos, objetos e livros que compõem o Cemas, que integram a “herança educativa”, ou seja, “um conjunto de recursos herdados que devem estar a serviço das pessoas” (FELGUEIRAS, 2017, p. 166). Esse conjunto está disposto em uma sala própria dentro do espaço do Centro de Excelência Atheneu Sergipense, que pode ser visualizado na imagem a seguir:

Imagem 7 – Visão parcial do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.



Fonte: Acervo do Cemas (2022).

Como pode-se ver, parcialmente, trata-se de um centro de memória que, em único espaço, condensa os arquivos deslizantes com a documentação salvaguardada, parte dos livros e ainda alguns objetos. Somam-se móveis da instituição educacional que foram utilizados com diferentes finalidades e, atualmente, atendem ao trabalho diário do Centro de Memória, mais espe-

cificamente mesas e cadeiras. Sobre as mesas tem-se os Guias de Fontes do Cemas, livro de visitas e algumas das produções com seu acervo, inclusive um DVD com uma parte da documentação digitalizada. A partir de outra visão, pode-se vislumbrar a imagem seguinte:

Imagem 8 – Visão parcial do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.



Fonte: Acervo do Cemas (2022).

Nota-se parte do conjunto de troféus que se sobrepõe aos armários que guardam os livros da Arcádia Literária do Atheneu Sergipense e foram doados ao Cemas. Tem-se, ainda, mesa, cadeiras, armários com a documentação sendo trabalhada pela equipe, um dos fardamentos da escola e um busto que também pertenceu à Arcádia.

Cientes que “todo objeto é uma síntese simultânea técnica, social e pessoal” (FELGUEIRA, 2017, p. 156), aliado ao complexo jogo com acirradas disputas

na conservação/exposição nos espaços de memória educativos, não é redundante afirmar que nada no espaço é por acaso. São objetos que resistiram ao tempo e dizem respeito às práticas educativas de uma escola secundária sesquicentenária que formou diferentes gerações de jovens sergipanos, sobretudo de famílias mais abastadas. Objetos que carregam histórias, finalidades e intencionalidades. Objetos como o esqueleto que pode ser visualizado em dois distintos momentos da história da escola (Imagens 9 e 10):

Imagem 9 – Gabinete de História Natural do Atheneu Sergipense (1954).



Fonte: Alves, Oliveira e Costa (2021, p. 49).

Imagem 10 – Esqueleto no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense.



Fonte: Acervo do Cemias (2022).

Considerações finais

A Escola Primária Oliveira Lopes foi criada em 2 de outubro de 1910. O Athe-neu Sergipense foi inaugurado em 24 de outubro de 1870. O Museu Escolar Oliveira Lopes nasceu em 1996 e o Centro de Educação e Memória do Athe-neu Sergipense no ano de 2005. De um lado ou de outro do Oceano Atlântico, temos sujeitos que estiveram/estão presentes na constituição diária de uma instituição educacional repleta de vida, desafios e aprendizagens. Da escola e seu papel na comunidade em que está inserida nasceram seus espaços de memória, um Museu e um Centro de Memória em efetivo funcionamento. São histórias distintas conectadas, entre outros laços, pela guarda, exposição e trabalho com a memória educativa.

A “herança educativa” salvaguardada em ambos os espaços diz respeito a um conjunto de artefatos e documentos que ultrapassou a barreira do século e tornou-se acessível a diferentes grupos para além da comunidade escolar. São práticas de preservação regidas por distintas legislações, possibilitando que fragmentos desse passado chegassem ao presente embalados por “uma vontade de memória, expressa no significado atribuído aos documentos conservados e produtora de uma ou várias identidades ao tempo pretérito” (VIDAL; PAULILO, 2020, p. 13).

Desse modo, voltamos à questão inicial: o que uma escola pública guardou no seu acervo ao longo de mais de um século de funcionamento? Documentos, objetos e móveis que perpassaram a barreira do século e foram preservados em um museu e um centro de memória educativo eivados de significados e necessários de serem problematizados. São documentos da vida escolar de docentes e discentes, da gestão administrativa e pedagógica. Desde os livros de atas com resquícios dos embates para a tomada de decisões até os diplomas que marcam o encerramento da vida escolar do discente naquela escola. São relatórios dos diretores, dos inspetores, livros dos mais variados, inclusive de

punições. São imagens que capturam momentos específicos de práticas educativas dentro e fora da sala de aula. São desde objetos com uso didático-pedagógico ou do cotidiano do funcionamento da escola, do esqueleto utilizado em sala ou no laboratório para o processo de ensino-aprendizagem às panelas da cantina, materiais cujos significados dialogam com as memórias de diferentes grupos sociais e que contribuíram diretamente para a formação de sujeitos escolarizados em distintos países. São móveis que tiveram usos atrelados às finalidades de ensino de uma época e cujas funções foram alteradas ao longo do tempo. Funções que na contemporaneidade adquirem um novo status, voltado para a própria “exposição” daquilo que a escola deixou como legado material.

Para a preservação desses “restos” da escola (BENITO, 2017, p. 227), é necessário utilizar-se de técnicas específicas vinculadas à arquivologia, museologia e história para que todo o processo de seleção, conservação e organização proporcione o acesso à informação e, assim, esses “lugares de memória” possam cumprir o seu papel que é, acima de tudo, pedagógico.

O Cemas e o Meol podem ser encarados como ferramentas e recursos pedagógicos para a produção do conhecimento por meio de suas memórias institucionais, a partir de uma análise do potencial pedagógico dos acervos, procurando recuperar as vivências e as memórias de suas comunidades escolares, assumindo-se como praticantes de um exercício de cidadania, “ao preservar os elementos capazes de permitir a elaboração de uma memória coletiva” (FELGUEIRAS, 2011, p. 76). Esta recuperação da cultura material e imaterial escolar e a criação de espaços de produção de conhecimento, “onde se pode conservar, estudar, informar e difundir os mesmos, assume-se como um dever social e cultural” (BERRIO, 2013, p. 290).

Seja em Portugal ou no Brasil, no Museu Escolar Oliveira Lopes ou no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense, que o nosso trabalho com o patrimônio educativo contribua de maneira direta para a construção das histórias da educação, seus sujeitos, objetos, práticas de distintos períodos e

as memórias como “el substrato de una cultura encarnada a través de toda la cadena de rituales em que se sustancia el cotidiano escolar, esto es, una tradición ontologicamente incorporada a la construcción de nuestra própria subjetividad” (BENITO, 2016, p. 55). Por fim, que nossos projetos individuais e coletivos na defesa da História da Educação e de ações materializadas em espaços como o Meol e o Cemas não percam de vista que: “A amnésia histórica não se dá sem riscos para as sociedades que vivem e fomentam o presenteísmo” (FELGUEIRAS, 2017, p. 165).

Referências

ALMEIDA, Helder J. de Pinho. *As Cantinas Escolares no Estado Novo – O caso da Cantina Escolar de Santa Maria de Válega. Ovar: Câmara Municipal de Ovar*, 2021.

ALVES, Eva Maria Siqueira. *O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. A criação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: CEMAS e suas ações. In: ALVES, Eva Maria Siqueira (org.). *Entre papéis e lembranças: o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a história da educação*. Aracaju: EDISE, 2015. p. 21-40.

ALVES, Eva Maria Siqueira. A edificação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 37-50, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9243>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Marcedo. *Álbum: Atheneu Sergipense*. Aracaju: Códice, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/1411.1>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida (org.). *Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas*. Londrina: Edel, 2008.

BENITO, Agustín Escolano. Arqueologia y rituales de la escuela. In: MOGARRO, Maria João (Coord.). *Educación e patrimônio cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Edições Colibri; Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016. p.45-60.

BENITO, Agustín Escolano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Tradução de Heloisa Pimenta Rocha e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

BERRIO, Julio Ruiz. Historia y museología de la educación. Despegue y reconversión de los museos pedagógicos. *Historia de la Educación*, Salamanca, v. 25, p. 271-290, nov. 2013. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/11182>. Acesso em: 01 set. 2022.

CAMARGO, Ana Maria de; GOULART, Silvana. *Centros de memória: uma proposta de definição*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos escolares: olhares ao passado no tempo presente. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 293-296, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/T58GwwdtZtdHbhkFzqT8bsL/?lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2023.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de; POSSAMAI, Zita Rosane. O curso de organização de museus escolares do Museu Histórico Nacional (Brasil, 1958). *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 23, p. 1-37, jan. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/80222>. Acesso em: 08 ago. 2022.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Preservar a herança educativa: desafios, limites e possibilidades. In: ALVES, Luís Alberto Marques; PINTASSILGO, Joaquim (Coord.). *Investigar, intervir e preservar em história da educação*. Porto: CITCEM, 2017. p. 153-169.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 67-92, jan./abr.

2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/93293>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FURTADO, Alessandra Cristina. Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42357>. Acesso em: 08 mar. 2023.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ICOM, 2022. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 10, p. 75-99, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/40>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MOGARRO, Maria João (Coord.). *Educação e patrimônio cultural: escolas, objetos e práticas*. Lisboa: Edições Colibri; Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016.

MOGARRO, Maria João. Patrimônio educativo e modelos de cultura escolar na História da Educação em Portugal. *Cuestiones Pedagógicas*, Sevilha, n. 22, p. 67-102, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33687>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MOGARRO, Maria João *et al.* Inventário e Digitalização do Patrimônio Museológico da Educação – um projecto de preservação e valorização do patrimônio educativo. *História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 30, p. 153-179, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/12310>. Acesso em: 30 jul. 2022.

MOGARRO, Maria João. Patrimônio e quotidiano escolar. In: PROENÇA, Maria Cândida. *Nos cem anos da Reforma: o quotidiano na escola republicana*. Porto, Portugal: Caleidoscópio/Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 2011. p. 13-35.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez./1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 27 jun. 2023.

OLIVEIRA, João Paulo Gama *et al.* Fontes e acervos na escrita da história de uma instituição educacional: o lugar do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju: IHGSE, n. 50, v. 2, p. 423-450, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/14585>. Acesso em: 27 jun. 2023.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Desafios políticos para a instalação e manutenção do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (2005-2019). In: PAULILO, André Luiz; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza (org.). *A Pesquisa em acervos da escola e da educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2023. p. 183-206.

O MUSEU. *Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 2012. Museu Virtual da Educação, 2012. Disponível em: <http://muve.ie.ul.pt/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PORTUGAL. Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004. Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses. Assembleia da República Portuguesa. *Diário Oficial*: República Portuguesa: n. 195/2004, série I-A de 2004-08-19, p. 5379-5394. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/lei/47/2004/08/19/p/dre/pt/html>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PORTUGAL. Secretaria-Geral da Educação e Ciência. Repositório Digital da História da Educação. Lisboa, 2023. Disponível em: <http://193.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

PORTUGAL. Secretaria-Geral do Ministério da Educação. *Património Museológico Escolar – Procedimentos Recomendados*. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://193.137.22.223/fotos/editor2/patrimoniomuseologicoescolar.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

POSSAMAI, Zita Rosane. Exposição Coleção Museu Escolar: ideias preliminares de um museu imaginado. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 58, p. 103-119, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/nWHpytrtRxFKqt3zPVptcLJ/?lang=pt>. Acesso em: 03 jul. 2022.

SANTANA, Sayonara Rodrigues do Nascimento. *Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)*. Aracaju: Editora SEDUC, 2021. (Coleção História de Sergipe). Disponível em: <https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/37f5c7b9-861d-4340-ac50-d6c0a42072f1>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SERGIPE. *Regimento interno do Centro de Excelência Atheneu Sergipense*. Aracaju/SE: Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura. 2018.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 199-221, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199>. Acesso em: 19 ago. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. Arquivos e Educação: Prática de arquivamento e memória. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 29, p. 1-17, jan./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v29ijan/dez>. Acesso em: 19 ago. 2022.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La escuela y la escolaridad como objetos históricos: facetas y problemas de la historia de la educación. *História da Educação*, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-54, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29059>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ZAIA, Iomar Barbosa. O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 5, 2[10], p. 153-174, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38650>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Recebido em: 28 de setembro de 2022

Aprovado em: 11 de abril de 2023